



1

UMA WAVERLY OWL NÃO DISCUTE SEMINUA COM ESTRANHOS.

A bolsa de viagem Jack Spade xadrez de alguém bateu no queixo de Jenny Humphrey e a arrancou de um sonho. O trem Amtrak Empire Service das dez da manhã para Rhinecliff, em Nova York, tinha parado em Pughkeepsie e um rapaz alto, de uns 20 anos e queixo eriçado, usando óculos quadrados e marrons Paul Smith e uma camiseta da banda Decemberists, estava parado junto dela.

— Tem alguém sentado aqui? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela meio grogue. Ele atirou a bolsa debaixo do banco e se acomodou ao lado de Jenny.

O trem gemia a quase um quilômetro por hora. Jenny cheirou o ar rançoso e meio suarento do vagão e sacudiu o pé, pensando que ia chegar superatrasada para o check-in na Waverly Academy. Ela teria chegado cedo se o pai, Rufus, a





tivesse levado de carro para lá com sua perua Volvo azul amassada — ele praticamente implorou a Jenny para deixar que fizesse isso —, mas Jenny não queria que o pai pacifista e que não fazia a barba a deixasse no novo e esnobe internato. Ela o conhecia e sabia que ele teria tentado dar início a um roda de poesia improvisada com as novas colegas de turma de Jenny e mostrado fotos antigas da filha, de quando ela era uma aluna idiota da quinta série e só usava suéteres de lã verde e laranja fluorescente Old Navy. Hum, não, obrigada.

— Vai pra Waverly? — perguntou o garoto. Ele ergueu as sobrelhas para o *Guia de Ética da Waverly Academy* que estava fechado no colo de Jenny.

Jenny tirou um cacho de cabelos castanhos dos olhos.

— Vou — respondeu ela. — Vou começar este ano. — Sua voz não conseguia esconder o entusiasmo, estava tão animada para começar em seu novo internato que se sentia toda agitada por dentro, como se tivesse com vontade de fazer xixi.

— Caloura?

— Não. Segundo ano. Eu era da Constance Billard. Na capital. — Jenny estava meio satisfeita por ter um passado relativamente chique a que recorrer, ou que pelo menos desse essa impressão.

— Então você quer uma mudança de ritmo ou o quê? — Ele remexeu na pulseira de couro do relógio.

Jenny deu de ombros. Esse cara parecia ser da idade de seu irmão, Dan. Dan tinha acabado de partir para Evergreen College, na Costa Oeste, dois dias antes, só com duas bolsas de viagem, o laptop Mac G4 e dois pacotes de cigarros. Jenny, por outro lado, já mandara quatro caixas abarrotadas e algu-



mas bolsas de viagem enormes à Waverly, e estava levando com ela a mala gigantesca e uma bolsa estufada de coisas. Nos preparativos hiperempolgados para o colégio interno, ela praticamente comprou os produtos para cabelo, cosméticos e femininos de todos os corredores da CVS — quem sabia do que ia precisar no internato? Ela também fez uma farrá de compras na Club Monaco, na J. Crew e na Barneys com o cartão de crédito que o pai lhe emprestara para as compras de volta às aulas.

— Mais ou menos — respondeu ela por fim.

A verdade era que ela foi convidada a sair da Constance — ao que parece, porque foi considerada uma “má influência” para as outras alunas. Jenny não pensava que era má influência alguma — ela só estava tentando se divertir, como todas as outras meninas da escola. Mas de algum jeito, todos os seus momentos de extrema diversão também foram muito divulgados e constrangedores: uma foto de seus peitos num sutiã esportivo apareceu em uma revista (ela achava que era uma sessão de fotos de roupas esportivas), um vídeo de sua bunda praticamente nua foi espalhado pela escola e ela tomou algumas decisões ruins sobre meninos com quem ficou em várias festas — e é claro que todo mundo descobriu.

A gota d’água veio depois que Jenny passou uma noite no Plaza Hotel com a banda do irmão mais velho, os Raves. Uma foto dela saindo do Plaza com nada mais que um roupão branco apareceu na *Page Six* online no dia seguinte. Voaram boatos de que Jenny estava dormindo com *todos* os Raves, *inclusive* o próprio irmão. Eca! Pais preocupados rapidamente apelaram à diretora da Constance, alvoroçados com a promiscuidade de



Jenny. Afinal, a Constance tinha uma reputação de excelência a zelar!

Embora Jenny não tenha ficado com *nem um Rave*, que dirá todos, ela não queria exatamente *negar* o boato — ela meio que adorou ser o assunto das conversas de todo o mundo. E então, enquanto estava sentada com a diretora da Constance Billard, a Sra. McLean, em sua patriótica sala vermelha, azul e branca em Nova York, Jenny percebera uma coisa ótima: não era o fim do mundo ser expulsa da Constance. Era sua chance de recomeçar, de reinventar a si mesma como a sofisticada que não fazia asneiras que ela sempre quis ser. E qual era o lugar de maior classe onde recomeçar? No internato, é claro.

Para grande pesar do pai — Jenny tinha certeza absoluta de que Rufus queria que ela morasse com ele no apartamento do Upper West Side para sempre — Jenny tinha pesquisado furiosamente um monte de escolas e visitou algumas. A primeira escola tinha um código de disciplina estrito e era chata demais, para resumir. Por outro lado, minutos depois de chegar à segunda escola, ofereceram-lhe *ecstasy* e ela tirou a blusa. Mas exatamente como a terceira cama da Cachinhos Dourados, a terceira escola que Jenny procurara, a Waverly, era exatamente a certa.

Bom, para falar a verdade, ela não chegou a visitar a Waverly realmente — ela estava sem tempo, já havia passado o prazo de matrícula e ela tomara algumas liberdades criativas com sua solicitação — mas ela viu milhares de fotos online e decorou todos os nomes de prédios e mapas do campus. Jenny tinha certeza de que seria perfeito.

— Eu era aluno de uma rival da Waverly — disse o rapaz,



tirando um livro da bolsa. — A St. Lucius. Nossa escola odiava a sua escola.

— Ah — respondeu Jenny baixinho, afundando na poltrona.

— Estou brincando. — Ele sorriu e se virou para o livro. Jenny percebeu que era *Trópico de Câncer*, de Henry Miller, um dos favoritos do pai dela. De acordo com Rufus, fora proibido porque era avançado demais com sua crítica social depravada do amor e do sexo em Nova York. Oba, cenas de sexo. Jenny sentiu o rosto ficar rosado.

Depois ela percebeu: estava agindo como a velha Jenny, nada sofisticada. E uma coisa era certa: a velha Jenny obviamente não a estava ajudando.

Jenny analisou o rapaz com calma. Ela não o conhecia e provavelmente nunca mais o veria de novo, então por que se importava com o que ele pensava dela? Na Waverly, Jenny ia ser a Nova Jenny, formidável e incrível, a garota que estava no centro de tudo.

Então por que não começar a se transformar na Nova Jenny *agora mesmo*?

Reunindo coragem, ela descruzou os braços e revelou os grandes seios tamanho 42, que pareciam ainda maiores uma vez que ela mal tinha 1,50 metro e meio de altura, e se endireitou na poltrona.

— E aí, humm, alguma parte boa neste livro?

O rapaz ficou confuso, os olhos disparando da cara inocente de Jenny para seus peitos e dali para a capa gasta do livro em brochura. Por fim, ele franziu o nariz e respondeu.

— Talvez.



— Lê pra mim?

O garoto passou a língua nos lábios.

— Tá legal. Mas só se primeiro você ler para mim uma frase daquele livro que estava com você. — Ele bateu na capa marrom do amado *Guia de ética da Waverly Academy* de Jenny.

— Claro. — Jenny abriu o livro de regras. Ela o recebeu havia algumas semanas e o devorara da primeira à última página. Ela adorou a encadernação em couro macio, o papel creme e o estilo de história infantil, um tanto condescendente e meio britânico em que era escrito. Parecia tão maravilhosamente respeitável e de elite, e Jenny tinha certeza de que depois de ter passado algumas semanas na Waverly, ela seria tão educada, graciosa e perfeita quanto Amanda Hearst, a jovem socialite, ou a falecida Carolyn Bessette Kennedy.

Ela deu um pigarro.

— Essa aqui é boa. “As Waverly Owls não podem dançar de forma sexualmente sugestiva em público.” — Ela riu. Isso significava que podiam dançar de forma sexualmente sugestiva *em particular*?

— Eles realmente se referem a vocês como Waverly Owls, as Corujas da Waverly? — O rapaz se inclinou para ver a página. Ele tinha cheiro de sabonete Ivory.

— É. — Ao dizer isso, Jenny sorriu. Ela, Jenny Humphrey, ia ser uma Waverly Owl!

Ela virou a página.

— “Os Waverly Owls não podem ter intimidade sexual. Uma Waverly Owl não deve se envolver em atividades que possam ser perigosas, como pular da ponte Richards. Uma Waverly Owl não usa alças finas nem minissaias acima do meio



da coxa.”

O rapaz deu um sorriso sacana.

— Já que estão falando de uma menina, não deveria ser uma oulette, as “corujete”?

Jenny fechou o livro num baque.

— Tá legal. Agora é a sua vez.

— Bom, eu acabei de começar, então vou ler do início.

— O rapaz sorriu maliciosamente e abriu na primeira página.

— “Desde o início, treinei a mim mesmo para não querer nada desesperadamente.”

Engraçado, pensou Jenny. Ela estava com o problema contrário — ela queria *tudo* desesperadamente.

— “Eu era corrupto” — continuou ele. — “Corrupto desde o começo.”

— Eu sou corrupta! — soltou Jenny. — Mas não desde o começo. — A Velha Jenny não conseguia acreditar no que a Nova Jenny estava dizendo.

— É? — Ele fechou livro. — A propósito, meu nome é Sam.

— Jenny. — Ela olhou para ver se Sam queria apertar a mão dela, mas ainda estava enfiada por baixo da perna dele. Os dois sorriram meio sem-jeito.

— E aí, a sua corrupção tem alguma coisa a ver com o motivo para você sair de Nova York e ir para um internato? — perguntou Sam.

— Talvez. — Jenny deu de ombros, tentando ser ao mesmo tempo recatada e misteriosa.

— Diz aí.

Ela soltou um suspiro. Podia admitir a verdade, mas *Todo*



mundo pensou que eu tinha dormido com os caras daquela banda e eu não neguei parecia meio piranhudo. Definitivamente não era nem misterioso, nem chique. Então ela decidiu tomar algumas liberdades criativas.

— Bom, eu meio que me meti num desfile de moda indecente.

Os olhos de Sam brilharam de interesse.

— Como assim?

Ela pensou por um momento.

— Bom, aparentemente eu só estava de sutiã e calcinha. E saltos. Acho que foi meio demais para algumas pessoas.

Isso não era inteiramente uma mentira. Jenny *tinha mesmo* trabalhado como modelo no ano passado — para uma série de fotos de Les Best na revista *W*. Vestida. Mas as roupas não pareciam muito interessantes naquele momento.

— É mesmo? — Sam deu um pigarro e ajeitou os óculos. — Já ouviu falar de Tinsley Carmichael? Você deve conhecê-la.

— Quem?

— Tinsley Carmichael. Ela é da Waverly. Eu agora sou da Bard, mas eu a encontrei algumas vezes em festas no ano passado... Ela vem para a escola no próprio avião. Mas me contaram que ela decidiu sair da Waverly porque Wes Anderson lhe ofereceu o papel principal no próximo filme dele.

Jenny deu de ombros, sentindo-se estranhamente competitiva — e meio animada — com essa tal de Tinsley. Ela parecia a Nova Jenny ideal.

O cobrador de aparência exausta apareceu no corredor e pegou o bilhete no alto da poltrona de Jenny.



— Próxima parada, Rhinecliff.
— Ah. É a minha. — Jenny respirou fundo. Estava mesmo acontecendo! Ela olhou pela janela, esperando ver alguma coisa verdadeiramente mágica, mas só viu árvores verdes luxuriantes, um campo amplo e postes telefônicos. Ainda assim, árvores! Um campo! O único campo em Manhattan era o Sheep Meadow, no Central Park, e estava sempre cheio de traficantes e magricelas seminuas tomando sol.

Ela se levantou e pegou a bolsa LeSportsac vermelha de bolinhas brancas e a antiquada mala marrom Samsonite que pegara emprestada com o pai. Perto da alça, tinha um adesivo enorme ABRACE, NÃO JOGUE BOMBAS. Não era lá muito Nova Jenny. Enquanto ela lutava para colocar a mala no chão, Sam se levantou para ajudar, puxando-a do bagageiro sem esforço nenhum.

— Obrigada — disse ela, corando.
— Tudo bem. — Ele tirou o cabelo da frente dos olhos.
— E aí, vou poder ver fotos suas do... desfile?

— Se procurar na Internet — mentiu Jenny. Ela olhou pela janela e viu, do outro lado do campo, um velho catavento de galo no alto de uma grande sede de fazenda esmaecida. — O nome do estilista é, humm, Galo.

— Nunca ouvi falar dele.
— Ele é meio obscuro — respondeu Jenny rapidamente, percebendo que o rapaz educado vestido de camisa pólo cor-de-rosa sentado atrás deles estava sem dúvida nenhuma ouvindo a conversa dos dois. Jenny tentou ver o que ele digitava em seu celular BlackBerry, mas ele cobriu a tela quando percebeu que ela estava olhando.



— Você... tem que ir na Bard um dia desses — continuou Sam. — A gente faz umas festas que são demais. DJs ótimos e essas coisas.

— Tá legal — respondeu Jenny por sobre o ombro, erguendo as sobrancelhas só um pouco. — Mas sabe como é, uma Waverly Owl não pode dançar de forma sexualmente sugestiva.

— Eu não vou te dedurar — respondeu ele, sem tirar os olhos dos peitos dela.

— Tchau, Sam — Jenny acenou, usando o tom de voz mais musical de azaração. Ela saiu do trem para a plataforma e respirou fundo o ar fresco do interior. *Caraca.*

Ainda vai demorar um pouquinho até se acostumar com a Nova Jenny!





OwlNet

Caixa de Mensagem Instantânea

RyanReynold§: Aí, Benster. Bem-vinda de volta, gata!

BennyCunningham: E aí, fofo! E a vida?

RyanReynolds: Fiz a pior viagem possível para cá no nosso avião. Meu pai tem um piloto doido e eles ficaram tagarelando um com o outro o tempo todo e acelerando cada vez mais...

BennyCunningham: Da próxima vez, vem no meu avião. Vou deixar você se aninhar comigo debaixo da minha pashmina.

RyanReynolds: Meu Deus, você é uma figura. Aí, viu a foto da Callie na Atlanta Magazine?

BennyCunningham: Não, mas soube que isso quase acabou com a mãe dela. Ela teve que controlar os danos no Good Morning Atlanta!

RyanReynolds: É, parece que a C bombou na foto.

BennyCunningham: Ela ainda está com EZ? Eu vou voar nele se não estiver.

RyanReynolds: Sei lá. Alguém me disse que viu o cara dançando com uma garota linda de olhos bem azuis e trancinhas pretas em Lexington.

BennyCunningham: Parece a Tinsley. A não ser pelas trancinhas.

RyanReynolds: Eu sei. Que droga, ela não vai na festa de hoje.

BennyCunningham: Fala sério.